

## **Já viu esse filme?**

*J.r. Whitaker Penteadado*

*"Por trás de cada pessoa bem-sucedida há alguém mais poderoso". Manohla Dargis (crítica de cinema do N.Y. Times)*

Há quem curta sair de casa para uma vesperal no cinema sobretudo agora que há salas desavergonhadamente confortáveis, em alguns shoppings da moda. Eu permaneço renitentemente comodista. Cinema, para mim, significa um DVD preferivelmente entregue em casa a tela plana da TV e o sofá da sala (ainda que isso resulte, muitas vezes, na chegada do sono antes do interesse pelo filme). Há a desvantagem de não se ter acesso rápido às novidades, mas que é largamente compensada pela vantagem de você mandar buscar exatamente aquele filme que quer ver como, digamos, Casablanca, com Bergman e Bogart...

Mas o filme de que quero falar não é tão antigo. Trata-se de *Em Boa Companhia*, de 2004, e os atores principais são Dennis Quaid, Topher Grace e Scarlet Johansson (antes de ser descoberta por Woody Allen). É um raro filme, que trata de assunto familiar aos leitores deste Caderno: a vida profissional das pessoas, atropelada pela nova ética (ou falta de-) das grandes empresas internacionais.

Quaid, 51, é um veterano gerente de publicidade numa revista *Sports América* cuja empresa-mãe é adquirida por um audacioso investidor, que nomeia Grace, 26, para ser o seu novo chefe. Grace literalmente tropeça em Johansson, no elevador quando chega à nova empresa e nasce um romance, importante na continuação, pois, no filme, ela é a filha adolescente de Quaid. Ele simpatiza com o "velho" Quaid, mas exige que despeça metade dos colaboradores, para atingir as metas do novo acionista majoritário (Eugene K.).

Sei que não preciso citar nomes ou marcas para que o leitor identifique, à sua volta, os personagens deste drama moderno. O profissional que construiu sua carreira sobre as antigas virtudes da lealdade, da honestidade e da competência. O jovem carreirista, que terminada a faculdade vê-se diante de uma chance única de sucesso (vender celulares com formas de bichinhos ao público infantil) que o catapulta ao topo da hierarquia. O capitalista endinheirado, que aposta nos resultados financeiros da organização como se fosse uma roleta viciada. Os figurantes, gerentes, chefes, colegas, vendedores, assistentes, secretárias e os papéis que cada um representa no que se chama de vida pessoal, ou doméstica: pais, mães, filhos, esposos, namorados...

Não vou ser chato a ponto de contar o filme todo, caso não o tenha visto e goste como eu de alugar seus DVDs. Mas onde o enredo faz uma escolha importante é no momento que o "grande homem" (K.) faz uma visita à empresa que adquiriu, para fazer-se conhecer e divulgar, em pessoa, a sua filosofia de vida. Descreve, então, a nova ética: não há mais fronteiras nem nacionalidades, os produtos devem ser fabricados onde é mais barato e enviados para onde haja clientes; ninguém é insubstituível e a lei maior é determinada pelos resultados financeiros quanto maiores e mais rápidos, mais desejáveis.

Mas será mesmo? Este filme questiona isso de forma inteligente e agradável. Por isso, merece ser visto.

**Propmark, São Paulo, 7 set. 2009, p. 16.**